

1999

2000

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 59/62
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA

BRASIL
500

Reportagens
Poemas
Entrevistas
Idéias
Leis

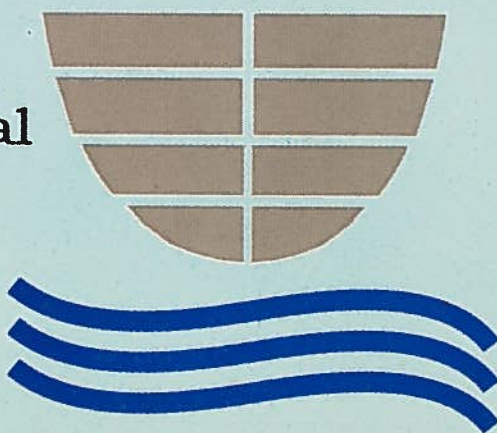
Centro-
Oeste

250

Brasília 40

Câmara
Legislativa
do Distrito Federal

10



Especial
Carta de Caminha narra
o descobrimento
do Brasil

REPORTAGEM

B R A Z I L

ANA LÚCIA MOURA



A cidade visual

DF LETRAS

ÂNDIA

Mãos pequenas manipulam com tranqüilidade um velho estilete. Pernas finas e de pouca força sustentam um tronco de buriti de quase um metro de comprimento. Olhos castanhos e brilhantes cuidam de cada detalhe ao cortar a madeira. Unhas amareladas pelo tempo corrigem os excessos de tinta da figura.

Tereza Tervina da Luz não se cansa. Aos 75 anos, levanta-se todos os dias às 6 horas da manhã e dedica todo o tempo que tem à sua arte. A arte do artesanato. Nunca aprendeu a ler e nem a escrever, mas transforma o grande tronco de buriti em totens de cores, formas e tamanhos variados.

A simplicidade é tamanha que ela não sabe definir que tipo de trabalho é o seu, nem qual é o nome dos objetos que fabrica. "O pessoal chama de totem, dizem que está escrito no dicionário", conta com humildade. Não sabe que reproduz símbolos criados em tribos indígenas da antigüidade. Sabe apenas que não vive sem esse exercício diário e que dele tira seu próprio sustento.

Tereza é uma artesã nata, apaixonada pelo seu trabalho. É uma, e a mais antiga, entre muitos artesãos que se escondem na pacata e pequena cidade de Brazlândia, a cerca de 30 quilômetros de Brasília, uma cidade instalada dentro do maior manancial de água do Distrito

Federal. Uma cidade que nasceu para abrigar os moradores de um antigo assentamento, conhecido como Vietkong. Uma cidade onde os artesãos se multiplicaram, principalmente na década de 70, graças aos voluntários do Centro de Desenvolvimento Social (CDS).

Foram os assistentes sociais dessa antiga instituição que lutaram, durante quase dez anos, para conseguir materiais de trabalho para os profissionais do artesanato local.

Levaram, para além das fronteiras da cidade, a arte nativa dos moradores de Brazlândia. E trouxeram gente de fora para conhecer. Do Brasil e de outros países.

Infelizmente, esse tempo ficou para trás. O CDS não dá mais assistência aos artesãos e nem a outros artistas. Mas a boa fama ficou e a arte continua a fervilhar na cidade. Tereza, por exemplo, não precisa sair de casa para vender seus totens. Os compradores a procuram. Alguns chegam a gastar R\$ 500,00 em peças. Cada totem custa em média R\$ 25,00.

Mas as visitas dos compradores não são freqüentes. "Tem meses que não aparece ninguém e aí só pedindo ajuda a Deus", conta Tereza. Muitas vezes, centenas de totens ficam acumulados no canto da pequena cozinha, que serve também como



sala, da modesta casa onde mora.

Mesmo assim, ela não pára. Levanta-se cedo, aquece os pedaços de madeira de buriti no fogão caseiro, de quatro bocas, para facilitar o corte e passa o resto do dia fazendo arte. O buriti ela compra de outras artesãs que percorrem o cerrado das proximidades da cidade de Padre Bernardo em busca da árvore. As pernas cansadas já não resistem mais a grandes excursões no meio do mato, como fazia há 20 anos.

Tereza é a pioneira do artesanato local. Fabrica totens há mais de 15 anos. Mas a história da arte em sua família, e particularmente em Brazlândia, começou muito antes de ela mesma descobrir seu próprio dom. Começou com Quinca, seu marido, quando eles chegaram à cidade, em 1971.

Para sustentar os quatro filhos, Tereza ia todos os dias, de ônibus, para Brasília, trabalhar como doméstica. Quinca não conseguiu emprego e ficava em casa "brincando com pedaços de madeira", como diz ela. E, da madeira pesada, fazia galinhas, passarinhos, bonecas e vários insetos, com os quais os filhos brincavam.

Depois de alguns anos, Quinca

descobriu o buriti, uma madeira típica do cerrado, mais leve e mais fácil de esculpir. Foi quando os assistentes sociais do CDS decidiram apoiar seu trabalho. Buscavam a madeira, compravam a tinta e vendiam as peças em Brasília. O dinheiro nunca foi muito, mas o suficiente para que Tereza deixasse de trabalhar como doméstica e os filhos pudessem comprar o material escolar.

Quando Quinca sofreu um derrame e ficou com uma parte do corpo paralisada, Tereza começou a fazer as peças. A arte virou uma questão de sobrevivência. Durante quase dez anos, ela esculpia os totens e ele assinava. Depois que Quinca morreu, o artesanato passou a ser um refúgio para a solidão e, ao mesmo tempo, um prazer. Algo que ela jamais poderia deixar de fazer. "Dou a vida por isso", assegura.

O artesanato de Quinca acabou estimulando o CDS a investir em outros artesãos, e a arte de Brazlândia

“Chamam meu trabalho de totens. Dizem que está no dicionário. Não sei ler. Arte é tudo que sei fazer. Não vivo sem isso.”

começou a mostrar sua cara. Manoel Aires, 65 anos, esculpe não apenas os totens que aprendeu a fazer com Quinca, mas também presépios, bichos, flores, balaios e mais uma infinidade de objetos da madeira do buriti.

Para ele o artesanato é uma diversão e uma dádiva. "É um dom de Deus", define. Quando chegou a Brazlândia, não tinha dinheiro, emprego e morava em um barraco emprestado. "Pedi ao nosso Senhor que me mostrasse um caminho porque eu não tinha como sustentar a minha família", conta.

Foi quando decidiu consertar um prendedor de roupa que já não funcionava mais e descobriu que podia fazer muitos outros iguais àquele. "Presente de Deus", garante. Começou a vender prendedores para as donas de casa e depois a consertar sombrinhas. "Passava a madrugada toda trabalhando", conta sua esposa, Joana de Alcântara Luz, 67 anos.

Acabou sendo descoberto pelos assistentes sociais do CDS. Passou então a fazer peças para vender na Feira da Torre de Televisão, em Brasília, além de dar cursos temporários no próprio CDS. Com o artesanato, conseguiu construir a casa própria, onde mora atualmente com sua mulher.

Pena que as mais de trezentas peças artesanais criadas por ele estejam hoje amontoadas em um quatinho apertado, construído nos fundos da casa. Em uma caixa, guarda antigas matérias de jornais que elogiam o seu trabalho. Em outra caixa maior, esconde mais de mil folhas de papéis cortados, que ele usa para fazer quadros. "Só que ninguém mais aparece para comprar e fora da cidade não tenho como vender", lamenta.

É que Manoel Aires



tem uma deficiência na perna, há mais de 20 anos. Resultado de um acidente na carroceria de um caminhão de bóias-frias, que o levava para trabalhar nas lavouras do Maranhão.

Para vender as peças, Manoel Aires precisaria sair de Brazlândia, mas ele não tem carro. O dinheiro que ganha não vem mais da arte, e sim da aposentadoria que recebe por invalidez. Ainda assim, ele continua esculpindo o buriti. "Existe uma força que não me deixa parar", garante.

É essa força de que fala Manoel Aires que estimula Maria Esmelinda da Silva, 70 anos, a levantar-se da cama todos os dias, mesmo depois de ter perdido o neto que morava com ela. Há menos de três meses, o garoto foi vítima de um assalto fatal, ao voltar de uma festa. "Não consigo ficar quieta", justifica.

Nunca conseguiu. Quando morava em Sertânia, em Pernambuco, trabalhava na enxada para ajudar a família. Aos sete anos, já fazia a comida da casa e cuidava dos irmãos. O pai era doente e não podia trabalhar. Com a mãe, aprendeu a fazer chapéus de palha, costura em pano de saco, crochê e até esculturas em cerâmica. Tudo para ajudar no orçamento da casa.

Casou cedo, mas abandonou o marido e foi para Brasília em busca de uma vida melhor e emprego para os quatro filhos. Trabalhava como doméstica no Plano Piloto, mas caiu de uma escada, fraturou o fêmur e aposentou-se por invalidez. Decidiu investir naquilo que realmente aprecia e sabe fazer: arte.

Optou por esculpir santos usando o buriti. Assim como os outros, com apoio do CDS, vendeu seus trabalhos na Feira da Torre de Televisão, durante sete anos. "Ganhava dez vezes mais que a aposentadoria que recebo hoje", garante. "Vendia umas 250 peças em um final de semana".

A clientela era grande, mas, por causa do problema na perna, Esmelinda decidiu abandonar as vendas na Torre de Televisão, embora continue fabricando os santos, e outras peças de buriti, em casa e vendendo para alguns fiéis compradores.

Mas o artesanato de Brazlândia vai

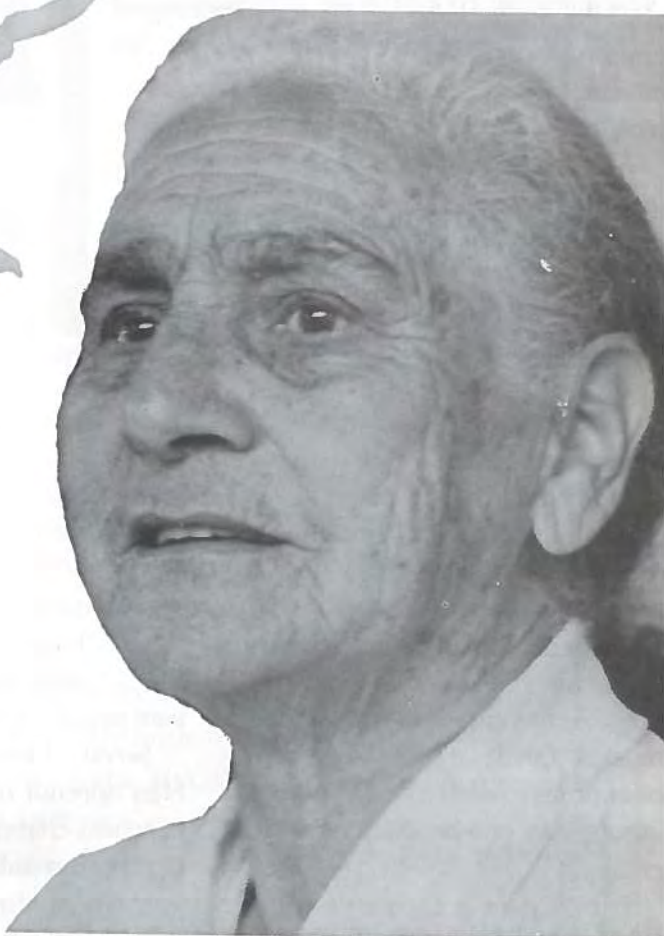
Minha arte é um dom de Deus, uma força impulsiva, positiva. Pedi a Ele que me mostrasse um caminho. Eu não tinha como sustentar minha família.

além dos totens, bichos e santos. Os artesãos contemporâneos aproveitam a casca do buriti para fabricar balaios, cestos e até mesmo mesas, cadeiras e armários.

A maioria desses artistas vendem seus trabalhos nas ruas, nas feiras de outras cidades do DF e ao longo das estradas de viagem. Outros, como Anastácia Correia da Silva, 43 anos, conseguiram um espaço em um local mais privilegiado: a Feira da Torre de Televisão.

Alguns cestos fabricados por ela chegam a medir quase um metro de comprimento, uma semana de trabalho. Custam em média R\$ 30,00. Vendem bastante. Mas para pagar o pão, o leite e os livros dos dois filhos, todos em casa trabalham na confecção das peças.

É um trabalho conjunto, familiar, espiritual, quase de uma tribo. Brazlândia é assim. Uma cidade com características especiais, interioranas, ruas tranquilas, crianças no gramado, povo acolhedor. Tem uma tradição, um rosto, um modo particular de retratar e fazer arte.



De Brazlândia para o mundo

O nome soa europeu. Os quadros se espalham por vários países da Europa. Mas foi em Brazlândia que ele se criou, desenvolveu seus trabalhos e busca inspiração, até hoje, para sua arte. E não troca a cidade por nenhuma outra do mundo. "Brazlândia é e sempre foi o ponto de partida da minha arte, confessa.

Para entender a afirmação, é preciso olhar as pinturas desse artista plástico. Francisco Galeno, 41 anos, impressiona os observadores mais exigentes com suas pinturas. Lamparinas, barracos de madeira, arames, carrinhos de latas de sardinha são objetos que povoam seus quadros. Objetos que marcaram sua infância, sobretudo no Delta do Parnaíba, no Piauí, onde nasceu. Objetos que ele mesmo fabricava para passar o tempo.

Mas foi só na adolescência que ele percebeu o seu dom, olhando Quinca esculpir seus potens, Tereza pintar os desenhos e Manoel Aires criar presépios. E exemplos tinha muitos. O bisavô era marceneiro, o avô, artesão, o pai, também marceneiro, a mãe, costureira e o irmão, escultor.

Tentou futebol. Descobriu que sua arte não estava nos pés, muito menos nas pernas. Tinha necessidade de trabalhar com as mãos, manipular objetos, dar vida a eles. Escolheu a música. Talvez a melodia, o som e os acordes fossem a saída para a sua inquietude em produzir, inventar, criar.

Entrou para a Escola de Música de Brasília. Comprou uma flauta

O

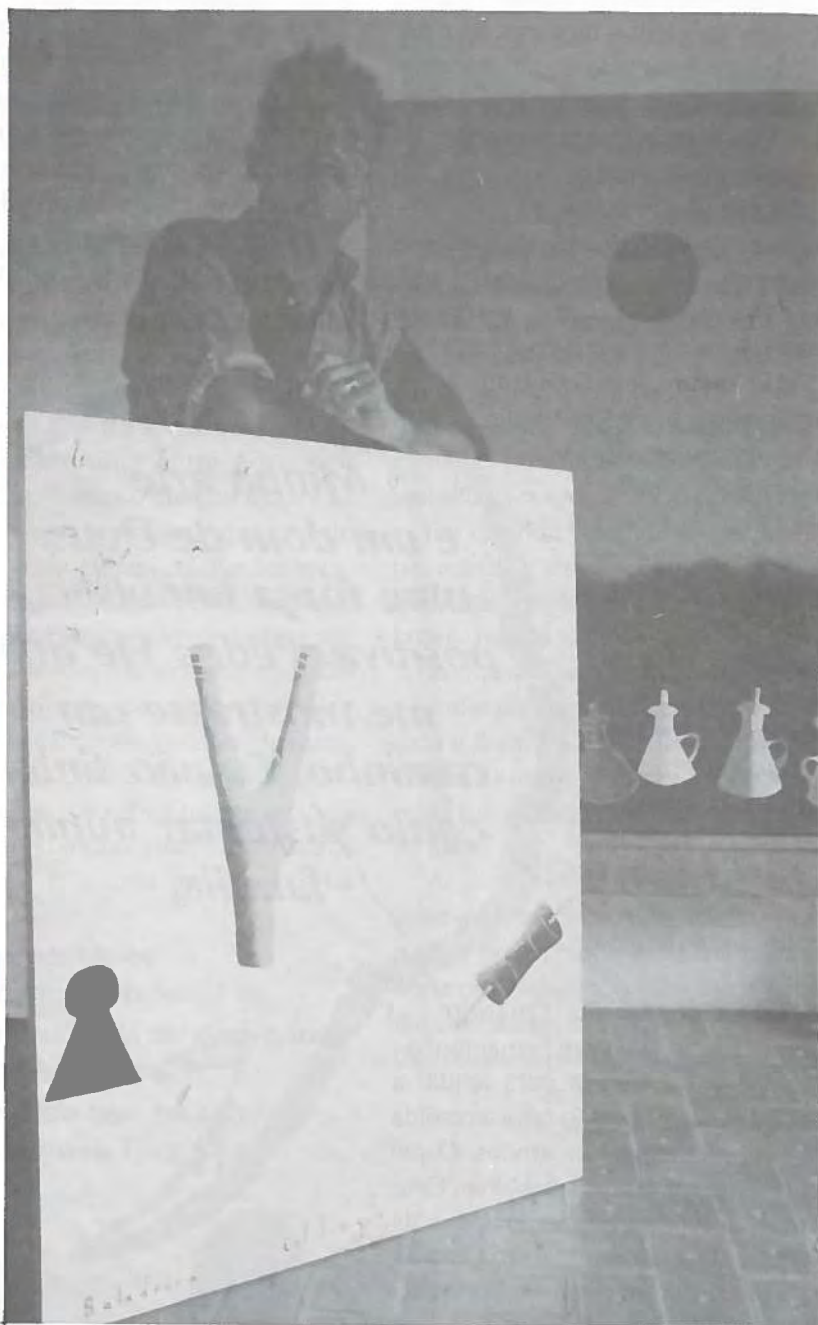
N

E

L

A

G



No atelier em Brazlândia, Galeno pinta e borda

transversal. Aprendizado muito complicado. Em poucos meses, desistiu e vendeu o instrumento. "Querida ser livre. Aquelas notas, arranjos, partituras e livros me prendiam, me seguravam, não me deixavam seguir", revela.

Serviu o Exército. "Perda de tempo. Não aprendi nada", desabafa. Fez concurso. Entrou para o Banco Central. Dentro das salas, entre máquinas xerox e muitos papéis, entendeu definitivamente que não podia viver

sem a sua liberdade de criação.

Artista. Tinha certeza. Continuou no banco. Precisava do salário, mas decidiu entrar para um grupo de teatro. Chegou a encenar mais de uma dezena de peças, em várias casas de espetáculos do Plano Piloto e de Brazlândia. "Fui me decepcionando. Ensaiei seis meses, para mostrar o trabalho em apenas uma semana", conta.

Começou a pintar camisetas, depois passou para as telas. Nunca mais precisou mudar de opção. Sabia que tinha encontrado o

caminho. No final da década de 70, exibiu alguns de seus primeiros quadros nos salões que aconteciam em Brazlândia e em outras cidades do Distrito Federal.

Mas antes de saltar para o mundo, sofreu muito preconceito. "Era um garoto pobre, que pintava lamparinas, barracos, elementos do cerrado, uma arte considerada marginal. Ninguém queria saber disso. Pintura é uma arte de elite", explica.

Galeno lembra-se do tempo em que circulava pelas galerias mais conhecidas de Brasília, olhando quadros e recolhendo *folders*. "Uma vez correram atrás de mim. Acharam que eu estava roubando alguma coisa. Me mandaram devolver os catálogos", lembra. Depois de alguns anos, Galeno foi chamado para expor seus quadros no local. "Não aceitei", revida.

A fama veio depois do Salão de Artes Plásticas da Aeronáutica, em Brasília, que o selecionou para o Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Na capital carioca, decidiu deixar fotos de seus quadros na Galeria Ana Maria Niemeyer. Quando chegou a Brasília, recebeu um telefonema dela pedindo para voltar.

A carreira deslanchou. Expôs no exterior. Tomou coragem e saiu do banco. O dinheiro que começou a ganhar já era suficiente para se garantir. Hoje, um quadro seu custa em média R\$ 2 mil. Nas exposições saem por mais que isso. A última de que ele participou foi em março, no Rio de Janeiro, na Galeria Ana Maria Niemeyer.

Propostas para morar em outros países não faltam, mas Galeno não abandona a velha Brazlândia. "Preciso estar, morar, viver nesta cidade. É dela que enxergo o mundo", garante. Só lamenta a falta de incentivo aos artistas locais. "Os políticos levantam bandeiras de que a identidade de um povo é a arte e a cultura, mas cortam as verbas para esse fim", reclama.



EDIMAR PIRENEUS

“*Brazlândia tem naturalmente um grande potencial artístico*”

O cargo de presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal não esconde a simplicidade de Edimar Pireneus. Morador de Brazlândia desde os tempos do antigo assentamento do Vietkong, nos anos 60, o deputado é o representante mais fiel da mina de artistas que é a cidade.

Edimar Pireneus foi um dos precursores do movimento teatral que marcou Brazlândia, sobretudo nas décadas de 70 e 80. No Teatro de Arena, que existe até hoje, apresentou a maior parte de seus espetáculos. Como artista, ajudou a promover e diversificar a produção cultural da cidade.

A paixão pelo teatro foi tão grande que ele chegou a pensar em estudar artes cênicas na Universidade de Brasília. Mas a vontade de refletir, entender e mudar seu próprio país gritou mais alto. Acabou cursando sociologia e ingressou no movimento estudantil da universidade.

Como líder, incentivou as atividades artísticas entre os estudantes da UnB. Viveu e fez teatro em Brazlândia por mais alguns anos, até ingressar na política como um dos fundadores do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) no Distrito Federal.

Agora, como deputado distrital, quer investir nos artistas de Brazlândia, da cidade onde mora até hoje e que não troca por nenhuma outra. "Brazlândia tem naturalmente um grande potencial artístico, mas pouco ou quase nada explorado", garante. "O que mais falta é espaço para os artistas exibirem sua arte", diz.